



TÁTA NGANGA KIMBANDA KAMUXINZELA
FEITIÇARIA TRADICIONAL BRASILEIRA

QUIMBANDA GOÉCIA

Revista Nganga No. 14, editorial

A presente edição da *Revista Nganga* nasce sob o signo do Sol Negro e da Lua Noturna: dois emblemas ctônicos que, em sua complementaridade, exprimem a essência da Quimbanda como teurgia subterrânea. O Sol Negro, astro invisível e invertido, ilumina as profundezas infernais, sendo símbolo alquímico da morte que gera vida e da dissolução que prepara a transmutação final. A Lua, com suas 28 mansões, governa o reino sublunar, media o contato entre vivos e mortos e orienta o percurso dos Exus e Pombagiras, assim como a miríade de espíritos sublunares distribuídos nos três éteres fundamentais. É nesse espaço limiar — entre céu, terra e submundo — que a Quimbanda se reencontra com suas raízes e se apresenta como a expressão brasileira da antiga *goêteia*.

Pela primeira vez no Brasil, este número apresenta a Quimbanda em diálogo direto com a astrologia helenística, não apenas como ciência preditiva, mas como chave para a descoberta do *diabo pessoal* — o demônio tutelar associado ao Exu de cada *kimbanda* iniciado. Trata-se de um trabalho inédito, inspirado pelas propostas de Jake Stratton-Kent (1953–2023),¹ que reatam a demonologia dos grimórios à astrologia antiga, restituindo-lhe seu caráter de ciência religiosa e escatológica.

Assinam, em espírito e obra, os que sustentam este caminho subterrâneo: Aluísio Fontenelle (1913–1952),² pioneiro ao entrelaçar Exus e os demônios do GRIMORIUM VERUM; Jake Stratton-Kent, restaurador da *goêteia* como coração da magia ocidental; Chris Brennan (1984), responsável pela reabilitação da astrologia helenística como ciência do destino;³ São Cipriano, patrono dos feiticeiros e mediador entre vivos e mortos;⁴ e Táta Nganga Kamuxinzela, elo vivo entre tradição e criação, que costura estes fios na *nova síntese da magia*.⁵

A teurgia noturna da Quimbanda inscreve-se em uma genealogia maior da magia ocidental, aquilo que os gregos chamaram de *goêteia*: a arte dos cantos fúnebres, da necromancia e das descidas ao Hades. Como demonstrou Stratton-Kent em GEOSOPHIA e THE TRUE GRIMOIRE,⁶ a *goêteia* não foi uma prática marginal, mas o núcleo esquecido da tradição mágica europeia, obscurecido pelo predomínio judaico-cristão e pelas leituras *solares* dos grimórios. O ponto de inflexão da magia ocidental não está, como sugerem leituras modernistas, na cabalá renascentista ou no hermetismo

¹ Pesquisador britânico da tradição dos grimórios e principal voz do *grimoire revival*. Sua série ENCYCLOPAEDIA GOETICA (2007–2014) restaurou a *goêteia* como eixo central da magia ocidental, influenciando decisivamente o estudo da Quimbanda no Brasil. Ver Jake Stratton-Kent. THE TRUE GRIMOIRE. Scarlet Imprint, 2009.

² Oculista, umbandista e intelectual brasileiro. Foi pioneiro ao sistematizar a associação entre os Exus e os demônios/espíritos do GRIMORIUM VERUM, sobretudo em sua obra EXU (1951), onde estabeleceu um marco para a compreensão moderna da Quimbanda como culto demonológico.

³ Chris Brennan, astrólogo norte-americano, especialista em astrologia helenística, autor de HELLENISTIC ASTROLOGY: THE STUDY OF FATE AND FORTUNE. Amor Fati, 2017.

⁴ Jake Stratton-Kent. THE TESTAMENT OF CYPRIAN THE MAGE. 2 Vols. Scarlet Imprint, 2014.

⁵ Táta Nganga Kamuxinzela (Fernando Liguori, 1978), pesquisador, sacerdote de Quimbanda e autor das obras DAEMONIUM, GANGA e WANGA. Clube de Autores, 2022, 2023, 2024.

⁶ Jake Stratton-Kent. GEOSOPHIA: THE ARGO OF MAGIC. 2 Vols. Scarlet Imprint, 2010.

cristão, mas sim na fusão ctônica entre necromancia, astrologia e teurgia, já visível nos PAPIROS MÁGICOS GREGOS. É este fio subterrâneo que a Quimbanda retoma ao articular os Exus e Pombagiras aos espíritos do VERUM, estabelecendo uma ponte direta entre demonologia europeia e feitiçaria banto-ameríndia.

A contribuição de Aluizio Fontenelle é decisiva: em sua obra EXU (1951), foi o primeiro a propor sistematicamente que espíritos como Exu Tranca-Ruas, Exu Caveira ou Exu Tiriri correspondiam a demônios do VERUM como Tarchimache, Sergulath e Fleruty, respectivamente.⁷ Assim, abriu o caminho para compreender a Quimbanda como forma genuína de *goêteia* brasileira. Décadas mais tarde, Stratton-Kent confirmaria essa leitura em THE TRUE GRIMOIRE, ao demonstrar que o VERUM preserva, sob disfarce cristão, um catálogo de *daimones* oriundos da magia helenística, cuja sobrevivência no Novo Mundo só foi possível por meio de tradições afro-diaspóricas como a Quimbanda.⁸

É nesse horizonte que se insere a contribuição de Chris Brennan. Em HELLENISTIC ASTROLOGY: THE STUDY OF FATE AND FORTUNE (2017), ele demonstra que a astrologia helenística não era apenas ciência de previsão, mas prática religiosa e escatológica: os astros eram portais de destino (*heimarménē*),⁹ e a Lua, em especial, era reconhecida como regente dos mortos e mediadora universal. Ao lado do Sol — símbolo do julgamento e da travessia — e do submundo — reino de Hades e Perséfone —,

⁷ Para uma descrição concisa dessas associações ver Fernando Liguori. DAEMONIUM: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTESE DA MAGIA. Clube de Autores, 2024.

⁸ Jake Stratton-Kent. THE TRUE GRIMOIRE. Scarlet Imprint, 2009.

⁹ Os astros eram compreendidos como portais de destino (*heimarménē*), sendo a Lua reconhecida como mediadora entre vivos e mortos, senhora do reino sublunar. O triângulo Sol-Lua-Submundo, já presente nos órficos e plantonistas tardios, ressurge na Quimbanda como chave de sua teologia noturna. O Sol Negro representa a potência de Lúcifer no inferno; a Lua, em suas 28 mansões, traça os caminhos dos Exus e Pombagiras como espíritos lunares.

O termo grego *heimarménē* (εἰμαρμένη) deriva do verbo *meiromai*, i.e. *receber como quinhão, ser destinado a*, significando literalmente *aquilo que foi atribuído ou destino necessário*. No estoicismo, designa a ordem causal que rege o Cosmos, correspondendo à lei universal da necessidade. Na astrologia helenística, *heimarménē* expressa o vínculo entre a configuração dos astros no nascimento e o destino individual, entendido não como fatalismo absoluto, mas como ordem cósmica a ser interpretada e, em certos casos, ritualisticamente negociada. Ver Chris Brennan. HELLENISTIC ASTROLOGY: THE STUDY OF FATE AND FORTUNE. Amor Fati, 2017, pp. 61–66.

No hermetismo alexandrino, *heimarménē* opera dentro de uma cosmologia que contrasta o tempo imanente (Chronos) com o tempo transcendente (Aion). Aion representa a eternidade atemporal, o absoluto divino fora das sequências cronológicas, enquanto Chronos (ou Cronos) encapsula o tempo mensurável e geracional, acima da Lua e ligado ao ciclo da geração e da mortalidade. *Heimarménē*, por sua vez, atua entre essas camadas: rege desde Cronos até o reino da geração — i.e. captura o poder determinativo dos astros e dos ciclos que prendem a alma na roda das reencarnações e das necessidades seculares. O CORPUS HERMETICUM apresenta *heimarménē* como espaço de limitação cósmica, do qual o iniciado pode emergir por meio da *gnōsis* e do contato com o *Nous*, aproximando-se de Aion, o tempo fora do tempo.

Na Quimbanda, o conceito de *heimarménē* encontra um paralelo direto no chamado *caminho de Exu tutelar*. Do mesmo modo que, no hermetismo, *heimarménē* rege o campo da causalidade desde Cronos até o reino da geração, na Quimbanda ela se manifesta como a porção de destino herdada pelo *kimbanda* no nascimento, expressa e conduzida pelo seu Exu. É esse Exu — o *espírito tutelar* — que orienta o feiteiro através das malhas da necessidade cósmica, determinando não apenas os seus desafios, mas também as suas possibilidades mágicas. No entanto, assim como no CORPUS HERMETICUM o homem noético é capaz de transcender *heimarménē* pela união com o *Nous* e pelo acesso ao Aion, também na Quimbanda o iniciado pode *transmutar o destino* ao alinhar sua ação com os Espíritos Gangas tutelares. Diferente da chamada *lei do retorno*, que projeta sobre o Cosmos uma moralidade que ele não possui, a Quimbanda opera em registro amoral: suas ações mágicas não são movidas pelas paixões humanas, mas orientadas diretamente pelos Exus e Pombagiras que, como *agentes mágicos universais*, manipulam as correntes da causalidade no corpo de Maioral. Assim, o *kimbanda* genuíno não está preso à roda da *heimarménē*, mas aprende a manejá-la — não por negar o destino, mas por incorporá-lo e reconfigurá-lo na ordem viva do Cosmos. Ver Fernando Liguori. *A Quimbanda & a Lei do Retorno*. Artigo disponível no blog do site www.quimbandanago.com.

forma-se o triângulo Sol–Lua–Submundo, estrutura cosmológica que sobrevive na *Quimbanda Goécia* como chave de sua teologia noturna.¹⁰

Nesse cruzamento de tradições, ergue-se a figura de São Cipriano, mago convertido em santo, cuja lenda atravessou o Mediterrâneo, a Península Ibérica e a América Latina. Como lembra THE TESTAMENT OF CYPRIAN THE MAGE,¹¹ Cipriano encarna a própria síntese da magia demonológica, unindo necromancia, astrologia e teurgia em um corpo híbrido que sobreviveu nas margens da cristandade. Patrono dos feiticeiros e guardião dos mortos, Cipriano é o mediador que permite a ponte entre a *goëteia* antiga, os grimórios medievais e a Quimbanda contemporânea.

A figura de São Cipriano ocupa um lugar central na tradição da magia ocidental e na *Quimbanda Goécia*. Ele representa o *herói icônico da goëteia como tradição viva*, símbolo da jornada do feiticeiro em busca do *espírito tutelar* e da deificação da alma.¹² O mito cipriânico articula a fórmula mágica universal que atravessa diferentes culturas: estudo e aquisição de conhecimento, encontro com o mestre espiritual (no caso de Cipriano, o próprio Diabo), exercício público da magia e, por fim, a transmissão iniciática a novos adeptos. Essa trajetória ecoa a de outras tradições, como o *paredros* dos PAPIROS MÁGICOS GREGOS, o *daimôn* pessoal do platonismo teúrgico e o Sagrado Anjo Guardião de Abramelin.

No contexto da Quimbanda, Cipriano é reinterpretado como Exu Cipriano Feiticeiro, um espírito limiar ctônico que atua como guia e mestre de feitiçaria. Cipriano apresenta-se também como arquétipo do teurgo, resultado da miscigenação cultural de Antioquia, onde tradições gregas, caldeias, egípcias e judaicas se cruzavam. Ali, Cipriano encarna a síntese da teurgia platônica, do hermetismo alexandrino e do cristianismo nascente, consolidando-se como modelo de operador universalista, capaz de transitar entre mundos e integrar práticas diversas. Essa plasticidade explica sua sobrevivência como patrono de feiticeiros, magos e *kimbandas*, tanto no imaginário popular quanto em tradições iniciáticas.

Sua importância no Brasil é dupla: de um lado, pelo impacto direto de O LIVRO DE SÃO CIPRIANO, que circulou amplamente desde o Séc. XIX e se tornou grimório fundamental da feitiçaria popular; de outro, pela sua assimilação nos cultos afro-brasileiros. No DAEMONIUM: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTESE DA MAGIA (2024), Cipriano é apresentado como patrono do Reino das Almas na Quimbanda, sendo convocado como espírito mercurial universal, capaz de mediar a comunicação entre o operador e as almas dos mortos. Nesse sentido, Cipriano representa a própria continuidade da *goëteia*, reconfigurada na Quimbanda como prática necromântica e nigromântica. Sua figura ambivalente — meio-demônio e meio-santo, meio-feiticeiro e meio-bispo — reflete a natureza amoral da feitiçaria, onde o poder espiritual é medido não por critérios morais, mas pela eficácia do pacto e da aliança com os espíritos.

É, portanto, nesta encruzilhada onde a demonologia europeia encontra a feitiçaria afro-indígena, onde a astrologia helenística se abre em chave ctônica, e onde Cipriano reina como patrono, que se anuncia a *nova síntese da magia*. Não se trata de fusão artificial, mas do retorno de todas as correntes a um mesmo rio subterrâneo: a magia dos mortos. Sob o signo do Sol Negro, este número da *Revista Nganga* apresenta-se como livro de teurgia noturna, astrologia ctônica e escatologia da

¹⁰ O termo *Quimbanda Goécia* trata-se de um nome popular atribuído a *Quimbanda Nãgô*. Ver Muloji. KIWANDA: RAÍZES PERDIDAS DA KIMBANDA MALEI. Edição do Autor, 2023.

¹¹ Scarlet Imprint, 2014.

¹² Ver Fernando Liguori. DAEMONIUM: CURSO DE FILOSOFIA OCULTA (Clube de Autores, 2019); DAEMONIUM: A QUIMBANDA NO RENASCER DA MAGIA (Clube de Autores, 2022); DAEMONIUM: A QUIMBANDA & A NOVA SÍNTESE DA MAGIA (Clube de Autores, 2024); WANGA: O SEGREDO DO DIABO (Clube de Autores, 2024).

Quimbanda, onde Exus e Pombagiras se afirmam como herdeiros vivos da antiga magia subterrânea que atravessou séculos para florescer, no Brasil, como *Quimbanda Goécia*.

A presente edição também traz um Suplemento de Estudo sobre a *Quimbanda Mussurumim*. Essa publicação marca um passo fundamental no esforço de sistematização das vertentes tradicionais da Quimbanda. Até agora, a literatura acadêmica e esotérica pouco se debruçou sobre esta vertente específica, muitas vezes reduzida a notas de rodapé nos estudos sobre os Malês e as influências islâmicas na diáspora africana. Contudo, como mostram documentos históricos e a memória oral preservada, a *Quimbanda Mussurumim* constitui uma síntese singular da experiência afro-islâmica no Brasil, integrando práticas muçulmanas, feitiçaria banto e aportes europeus em um mesmo corpo religioso e mágico.

Neste Suplemento de Estudo, o leitor encontrará uma exposição detalhada da origem do termo *mussurumim*, associado aos africanos islamizados que foram trazidos ao Brasil, bem como do modo como suas práticas religiosas, eruditas e mágicas influenciaram a constituição de um tronco específico dentro da Quimbanda. O uso dos *patuás*, das *orações em árabe*, da *magia da escrita* e da ênfase em elementos sutis como o ar, a fumaça e a palavra, diferenciam a *Mussurumim* de outras vertentes tradicionais, como a *Quimbanda Nàgô* ou *Malê*. Esse aspecto erudito e eólico, contudo, não exclui a centralidade do sacrifício e da prática da faca, que continuam sendo o eixo teúrgico de toda Quimbanda, mas ressignificados dentro de uma lógica própria.

Assim, a *Quimbanda Mussurumim* é aqui apresentada não como curiosidade marginal, mas como parte integrante do mosaico da feitiçaria afro-brasileira. Sua herança nômade, comunitária e ancestral a distingue, permitindo compreender como elementos islâmicos e africanos se fundiram num culto noturno de Exus e Pombagiras que opera com categorias próprias de mobilidade, escrita sagrada e magia da palavra. Esse Suplemento de Estudo, portanto, não apenas ilumina uma vertente até hoje pouco estudada, mas inscreve a *Quimbanda Mussurumim* no coração do projeto doutrinário da *Revista Nganga*: demonstrar que a Quimbanda é, em toda a sua diversidade, uma expressão legítima da *goêteia* brasileira

Táta Nganga Kamuxinzela,
Editor

